



RESENHA

RESENHA: SALER, B. Conceptualizing religion: immanent anthropologists, transcendent natives, and unbounded categories. New York: Berghahn, 2000. 312 pp. ISBN-10: 1571812199.

*Matheus Fernando Felix Ribeiro**

Trata-se de um livro inicialmente publicado no ano de 1993 pela Editora Brill e republicado em 2000 com novo prefácio, e ainda indisponível para o mercado nacional em versão traduzida para o português. Divide-se em sete capítulos distribuídos em 312 páginas. Seu autor é Benson Saler, professor emérito da Universidade de Brandeis, Estados Unidos, vinculado ao Departamento de Antropologia. Saler possui uma carreira científica admirável, tendo presidido a Sociedade para a Antropologia da Religião em 1997 e sendo vice-presidente interino da Associação Americana de Antropologia, seção de Antropologia da Religião, em 1997-98.

Salер introduz o livro afirmando que religião é uma categoria ocidental popular (*folk*) de que os acadêmicos ocidentais se apropriaram. O problema principal gira em torno de como a experiência prévia desses acadêmicos, enquanto ocidentais populares, também modula sua conceituação do que é religião e de como isso impacta sua experiência transcultural e profissional. Uma dessas questões é exemplificada pela ausência do termo na rede semântica de vários povos e da conseqüente questão: com o que, afinal, se está comparando religião? O antropólogo resgata o argumento desenvolvido por Roy Wagner (2018) em seu famoso livro *A invenção da cultura* como uma das possíveis estratégias utilizadas pelos etnógrafos ao lidar com questões do campo, nas quais o profissional utiliza seus significados próprios para construir uma representação compreensiva da cultura em questão. Essa representação não seria senão um conjunto de analogias no qual é traduzido um conjunto de significados para outros.

Salер inicia o livro considerando a proposta “eliminativista” desenvolvida por Wilfred Smith em *O Sentido e o fim da Religião* (2007), segundo a qual se deve abandonar o uso do termo religião e substituí-lo por “tradição cumulativa” e “fé”. Saler argumenta que o questionamento da validade analítica do termo religião para as análises culturais é válido. No entanto, compreender a história cultural, etimológica e as limitações de seus usos parece uma solução mais plausível do que o abandono de termos analíticos que não se limitam à categoria religião, mas também se estendem às categorias casamento e magia. Nesse sentido, as categorias poderiam ser reformadas e refinadas, mas não

* Doutorando em Ciências do Comportamento (UnB, Brasília-DF). ORCID: 0000-0002-3507-4662 – contato: matheusfelix.psi@gmail.com

abandonadas. A criação da Associação de Antropólogos do Terceiro Mundo (da qual o autor faz parte), em 1977, foi uma tentativa de tornar esses termos menos etnocêntricos e mais refinados nesse sentido.

Se há pouca disposição dos acadêmicos em abandonar o termo religião, preferindo reformar o seu uso, como lidar com a questão da ausência do termo na maioria das culturas? Como o acadêmico pode realizar o seu trabalho se o fenômeno a ser observado sequer possui correspondência? O princípio científico básico de comparação de semelhantes (princípio das maçãs e laranjas) pode ser estendido, repousando em uma analogia falsa ou imprecisa? Para lidar com questões como essa, Saler argumenta no capítulo 2 que, ao lidar com uma realidade cultural outra, o acadêmico pode optar por manter uma definição em suspensão. Essa proposta está desalinhada com uma tradição filosófica e científica que considera a necessidade de formulação de definições explícitas. Melford Spiro, por exemplo, como citado por Saler no capítulo, argumenta que, a menos que religião seja substancialmente definida e suas demarcações (*boundaries*) sejam traçadas, não é possível estabelecer um estudo comparado das religiões, pois não se estipula quais fenômenos estão sendo comparados. O argumento central de Saler é o de que esse tipo de definição, cujas demarcações são claras e estabelecidas – herdeira de uma tradição aristotélica de categorização – não é frutífera para se pensar a complexidade transcultural e histórica da religião.

As definições de caráter essencialista possuem uma larga tradição nas ciências, com especial destaque àquelas voltadas ao estudo da religião, por justamente classificarem os fenômenos em dois grupos: os que pertencem e os que não pertencem. Uma das limitações desse tipo de definição, no entanto, é que elas têm problemas ao lidar com casos limites ou com exemplos que possuem alguns elementos em comum, como rituais ou até mesmo sentimento de identidade/pertença. Algumas definições apostam no aspecto cognitivo, ora enfatizando a crença em seres sobrenaturais, assim como o fez Tylor, ora enfatizando disposições emocionais, como a preocupação última de Paul Tilich. No entanto, algumas evidências antropológicas demonstram que não parece ser universal a crença em seres sobrenaturais (Morrison, 1992) ou, até mesmo, que a díade sagrado-profano parece ter seu uso setorizado.

A aposta de Saler para tentar reformular e refinar o termo religião vem justo no sentido da identificação de limitações do tipo de definições ora apresentadas. Saler argumenta, no capítulo 5, que as definições, de maneira geral, se agrupam em dois conjuntos: as do tipo monotéticas e as do tipo politéticas. As primeiras enfatizam um conjunto de características, ao passo que as segundas “geralmente se baseia[m] em uma matriz de semelhanças [...] onde nenhuma característica única é ou essencial para pertencimento grupal ou suficiente para um membro do grupo” (1993, p. 167). A tese central de Saler se embasa nesse segundo tipo de definição.

Saler argumenta que as definições politéticas derivam da crítica desenvolvida por Wittgenstein em seu livro *Investigações Filosóficas* em relação às definições. Em linhas gerais, o filósofo põe em xeque as definições essencialistas exemplificando o conceito de jogo, afirmando que não é possível identificar um elemento comum que possa unificar toda a categoria, mas sim, uma série de elementos que são típicos. Para dar sentido a esse argumento, ele introduz a noção de “semelhança de família” como as semelhanças

e diferenças que os exemplos possuem entre si, formando uma família. Alguns outros autores na área do estudo da religião já identificaram potencial no argumento de Wittgenstein, como Rodney Needham e Martin Southwold, este último identificando até mesmo doze características típicas das religiões. No entanto, apesar de essas análises serem profícuas, Saler argumenta que elas são incompletas, pois não fornecem uma heurística avaliativa sobre organização mental em termos de experiência. Por esse motivo, Saler argumenta que a teórica prototípica seria central para a conceituação de religião.

A teoria prototípica foi desenvolvida pela psicóloga americana Eleanor Rosch e colaboradores em meados da década de 70 a partir de sua tese de doutoramento sobre Wittgenstein e sua experiência como psicóloga experimental. Por teoria prototípica entende-se que os julgamentos e a organização do conhecimento lexical humano são organizados de tal maneira que existem exemplos que mais bem descrevem a categoria do que outros. Essa organização se daria para várias categorias, mas não todas (o número ímpar seria um contraexemplo). A categorização, segundo a lógica da teoria prototípica, não ocorreria por um processo dicotômico, de pertencimento ou não, mas sim por meio de uma gradação. Aqueles exemplos que mais bem descrevem a categoria são aqueles que possuem mais características típicas, o que facilita o julgamento em termos de velocidade e certeza de pertencimento. Por exemplo, é mais fácil e certo identificar um canário como uma ave do que um avestruz ou um pinguim.

A partir dessa teoria, juntamente com a noção de semelhanças de família, é que o autor propõe sua definição: “Religião, então, em minha perspectiva, é uma categoria graduada cujos exemplos estão ligados por semelhança de família” (1993, p. XIII). Saler acredita que a formação cultural ocidental prévia ao ensino formal em antropologia – ou ciências humanas afins – faz com que o pesquisador identifique na família de religiões de tradição abraâmicas aquele exemplo prototípico de religião. Uma possível consequência cognitiva disso é a generalização de características dos melhores exemplos para outros. Assim, comportamentos análogos podem cair no mesmo espectro de análise e ser identificados como pertencentes à mesma categoria.

É justamente por isso que, para Saler, religião deve ser encarada como um conceito intelectual abstrato dotado de um conjunto de elementos característicos, como teísmo, crença em seres sobrenaturais, díade sagrado-profano, rituais escatológicos, sem que nenhum desses elementos, no entanto, lhe seja essencial, necessário ou suficiente. Diferentes religiões propõem diferentes conjuntos de elementos característicos. O aspecto histórico que identifica as religiões abraâmicas como os melhores exemplos, na verdade, deve ser compreendido como heurística derivada da complexa evolução cultural conceitual do termo. Em termos cognitivos, podemos traduzir isso como uma heurística de disponibilidade afetando julgamentos de tipicidade.

O título do livro pode ser dividido em três partes principais. Segundo Saler, o antropólogo trabalha no campo do imanente, ao passo que os nativos estariam no campo do transcendente, pois estes “transcendem nossas capacidades de conhecê-los descrevê-los em sua totalidade (1993, p. 244)”. O autor afirma que para diversas categorias, como religião, econômica, política e lei, uma concepção não demarcada (*unbounded*) é mais propícia tendo em vista o argumento aqui apresentado. Por fim, para Saler, religião não seria uma categoria universal, mas sim as semelhanças de seus elementos.

O trabalho dedicado à definição de religião de Saler goza de prestígio relevante internacional. No congresso de 1995 da Associação Internacional de História das Religiões (IAHR), na cidade do México, houve uma sessão de debatedores que se dedicaram à análise da mesma. Em uma coletânea de artigos selecionados daquele congresso publicada no evento seguinte, os editores Armin Geertz e Russell McCutcheon caracterizam a proposta de Saler como “um dos mais sofisticados tratamentos recentes do problema de definição de Religião” (Geertz; McCutcheon, 2000, p. 2). No ano de 2000, o periódico *Method and Theory in the Study of Religion* (v. 12, n. 1/4) recebeu quatro artigos de renomados acadêmicos – Gary Lease, Russel McCutcheon, William Paden e Don Wiebe – pra discutir a proposta definitiva de Saler, que obteve seu direito de resposta às críticas no mesmo periódico. Mais recentemente, Saler ficou responsável pela elaboração do verbete “*concept of religion*” para o *Vocabulary for the Study of Religion* (Segal; Von Stuckrad, 2015).

Críticas também foram apontadas, destacadamente por Robert McCauley e Timothy Fitzgerald, no periódico *Religion*. De acordo com McCauley (2009, p. 200), a abordagem de Saler “falha em permitir a audácia necessária para as conjecturas científicas”. Para esse autor, o problema central de Saler é que este não toma em consideração os importantes avanços exercidos pelas teorias científicas empiricamente embasadas. Sucintamente, Fitzgerald pondera que se a noção de semelhanças de família for a balizadora para o termo religião, os jornalistas e as cortes não seriam capazes de realizar com precisão seu trabalho, uma vez que essa abordagem abarca “conceitos contraditórios” e, portanto, este tipo de definição não deveria ser usado tendo em vista a estrutura da constituição moderna.

Toda essa questão definitiva não se restringe ao esmero intelectual dos acadêmicos, senão tem importância cotidiana na vida civil e leiga. A definição do que é religião é importante, pois ela baliza matérias legislativas que influenciam o pagamento de impostos e a educação, por exemplo, mas também é válida para enfrentar o problema de pesquisas transculturais, auxiliando no combate do etnocentrismo.

Referências:

FITZGERALD, Timothy. Benson Saler ‘Conceptualizing religion: Some recent reflections’: A response. *Religion*, v. 39, n. 2, pp. 194-197, 2009.

GEERTZ, Armin; McCUTCHEON, Russel. Perspectives on Method and Theory in the Study of Religion: Adjunct Proceedings of the XVIIth Congress of the International Association for the History of Religions, Mexico City, 1995. Nova Iorque: Editora Brill. 2000.

MCCAULEY, Robert N. The impact of successful scientific theorizing on conceptualizing religion. *Religion*, v. 39, n. 2, pp. 200-202, 2009.

MORRISON, Kenneth. Beyond the supernatural: language and religious action. *Religion*, v. 22, n. 3. 1992.

SEGAL, Robert; VON STUCKRAD, Kocku. Vocabulary for the Study of Religion (3 vols). Leiden: Ed. Brill. 2015.

WAGNER, Roy. A invenção da cultura. Rio de Janeiro: Ubu Editora. 2018.

Recebido: 29/09/2020

Aprovado: 16/10/2020

Editor: Fábio L. Stern